

A PÓS-MODERNIDADE: O COTIDIANO NO TRIBALISMO URBANO EM ESPAÇOS HÍBRIDOS

THE POSTMODERNITY: THE DAILY LIFE IN URBAN TRIBALISM IN HYBRID AREAS

Francisco Coelho

Centro Superior de Tecnologia, FTEC - Porto Alegre/RS

Carine de Oliveira Frank

Rede municipal de ensino de Porto Alegre/RS.

Luciana Backes

Centro Universitário La Salle – Canoas - RS

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir sobre o tribalismo na pós-modernidade, abordando suas características na perspectiva de Maffesoli. A construção dessa discussão considerou a dinâmica que as tecnologias digitais virtuais (TDVs) potencializam na formação das tribos por meio do fenômeno social ocorrido no Brasil, em 2013 – as manifestações e os protestos de rua. A partir de considerações empíricas dos eventos ocorridos em 2013, evidenciou-se que, nesse caso, o uso das TDVs não está relacionado ao pré-conceito do isolamento do indivíduo – no que diz respeito ao convívio social. O tribalismo urbano presente nas manifestações populares foi potencializado pelo uso das TDVs, por meio das redes sociais. O ponto de encontro das tribos através das mídias sociais (*Facebook, Twitter, Tumblr* etc) não ficou limitado a esses espaços digitais virtuais, mas, pelo contrário, fundiu-se com espaços geograficamente localizados e expressou a porosidade das fronteiras nas relações.

Palavras-chave: Pós-modernidade; Tecnologias digitais virtuais; Tribalismo pós-moderno.

Abstract

This article aims to discuss tribalism in postmodernity, approaching its features in Maffesoli perspective. The construction of this discussion was based on the dynamics that virtual digital technologies - VDTs - leverage in forming through social phenomenon occurred in Brazil in 2013 - the street protests. From empirical considerations of the events in 2013, it became clear that in this case the use of VDTs is not related to the bias of the individual isolation - with regard to social life. The urban tribalism present in the popular culture was enhanced by the use of VDTs, through social networks. The meeting point of the tribes through social media (*Facebook, Twitter, Tumblr* etc.) was not limited to these virtual digital spaces, but rather, merged with spaces geographically located and expressed the porosity border relations in postmodernity.

Keywords: Postmodernity; Virtual digital technologies; Postmodern Tribalism.

Introdução

A Era Pós-Moderna tem sido caracterizada pelas percepções fragmentadas da realidade que se instaura no cotidiano, características essas que vêm de encontro ao pensamento cartesiano e positivista predominante na modernidade. Ao se abordar a pós-modernidade, faz-se relevante mencionar a modernidade com algumas de suas características que favoreceram a transição para a pós-modernidade.

Maffesoli (2004) apresenta exemplos acerca da fragmentação do conjunto cultural da modernidade. Assim como o lençol freático, que, apesar de não visto, sustenta a vida na Terra, há um sentimento misterioso que perpassa cada indivíduo e o une com os demais, tal como as águas do lençol, que correm e se unem a outras águas. Esse laço entre os indivíduos é a cultura, onde todos se banham, ainda que sem perceber: “É, no fundo, o que a gente suga no leite materno, com o qual a educação nos impregna, mesmo aquela da universidade, na qual uma cultura que nos modela” (2004, p. 24). Portanto, ao mesmo tempo em que os indivíduos criam laços e constroem a cultura, essa cultura modela os laços construídos.

Porém, percebe-se que o conjunto cultural é: dinâmico e oscilante. Num determinado momento, perde a sua importância, torna-se supérfluo, como em uma relação de amor, quando o amor simplesmente desaparece, sem explicação, como se tudo já tivesse cansado (MAFFESOLI, 2004). Seria isso que estaria por trás do que comumente se chama de crise da sociedade:

Não sabemos muito bem o que é necessário colocar sobre esse termo de crise, a não ser que podemos concordar cada vez mais em reconhecer que essa crise não é mais somen-

te econômica, tampouco política ou simplesmente cultural. Sem dúvida, vale mais falar aqui de uma perda da evidência. (MAFFESOLI, 2004, p. 24)

Embora o laço cultural não seja uma prerrogativa da sociedade moderna, pois ele vem se apresentando como um rito de passagem - a expressão do fim de um ciclo e do início de outro -, essa característica foi marcante na modernidade, e tem se esvaído da mesma maneira como se constituiu. Portanto, ainda que de maneira imperceptível, todos foram se banhando numa mesma cultura, moldando sentimentos, desejos e comportamentos similares, aspectos que formaram a identidade dos indivíduos. Assim, evidencia-se o tensionamento dos laços culturais – ainda que de maneira imperceptível – para constituir sentimentos, desejos e comportamentos estranhos aos demais, contrários à lógica até então tida como a ideal, na era moderna. Dessa forma, na perspectiva da pós-modernidade, as identidades individuais passaram a ser compreendidas como pessoas que se identificam.

Então, o conjunto social passa por uma perda de evidência. Ele perde a consciência do que ele é, de seus mitos e, acima de tudo, da confiança em si: “[...] o mito que foi a base da modernidade saturou-se; o que se constituiu, até agora, na ossada de base na qual são organizadas as representações (a base na qual se estruturou a sociedade), de alguma forma, esgotou-se a ponto de que alguma outra coisa pode nascer” (MAFFESOLI, 2004, p. 26).

Maffesoli (2004) salienta que a sociedade moderna foi construída sob a ideia de progresso, buscando referir-se ao futuro, destacando a razão do ser humano, o racionalismo, a lógica. Esse pensar refletiu-se na ideia de domínio. É conveniente ter domínio sobre si: “[...] o indivíduo aprende a ter uma

identidade dominada por ela mesma e, conseqüentemente, aprende com os outros que chegaram a essa mesma dominação, a dominar o mundo” (MAFFESOLI, 2004, p. 26). Assim, o indivíduo, o individualismo, é a expressão teórica da modernidade, e o pensamento que era coletivo passa a ser individual, “eu penso, logo existo¹”:

Parece-me que é nisso que se situa o pivô da modernidade, nessa concepção do indivíduo que dá a sua lei a si mesmo e que, em seguida, pode se associar a outros indivíduos autônomos para fazer história. É a partir daí que se constrói o contrato social (que vemos bem a fragilidade nos nossos dias), a cidadania, que é sem dúvida tudo o que funda o ideal democrático. (MAFFESOLI, 2004, p. 28)

Percebe-se, porém, um crescimento gradual de saturação do modelo monoteísta da modernidade, uma saturação do Estado-nação e do ideal democrático. Há exemplos que vão desde as manifestações populares que ocorreram no Brasil em 2013² até a constituição da família, que deixa de seguir o modelo tradicional da família nuclear para assumir alternativas estranhas à modernidade. Transformações essas que surpreendem até mesmo as maiores e mais antigas organizações, como, por exemplo, a Igreja Católica Apostólica Romana. Tal instituição sustentou-se durante séculos como uma organização coesa, com dogmas e ideais seguidos e suportados por milhões de indivíduos, mas diante da saturação gradual

dos ideais modernos a crise se instaurou, chegando essa Igreja a perder cerca de 465 fiéis por dia, em uma década³.

Diante desse quadro, Maffesoli (2004) propõe que o termo indivíduo seja substituído por pessoa, já que o ser humano se mostra constituído por identificações múltiplas: “O tribalismo é, assim, uma metáfora útil para tentar, provisoriamente, notar a saturação em que o indivíduo ou o individualismo foi questão e do fato de que, a partir de agora, enfumaçaram-se em proveito de microconjuntos, de formas comunitárias” (MAFFESOLI, 2004, p. 28).

Verifica-se, portanto, que as leis sociais não são imutáveis, bem como não o são as leis da física, estando em perpétua mutação (Maffesoli, 2012). A pós-modernidade seria, portanto, uma “mutação social que necessita de uma transmutação de linguagem” (MAFFESOLI, 2012, p. 2).

O mundo moderno saturou-se, desestruturou seu corpo e deu lugar a uma reestruturação, utilizando, para tal, os mesmos elementos com os quais foi desconstituído. Maffesoli (2012) situa essa saturação da modernidade nos anos 1950, com o pós-modernismo arquetônico, que revaloriza a ambiguidade e a complexidade, como elementos fundadores da natureza humana, externalizando-se na revalorização da vida cotidiana, do culto ao corpo, da volta do emocional e do sentimento de pertencimento à comunidade – tribalismo.

Essas manifestações são, portanto, as marcas da mudança do paradigma social em curso. Assim, um ciclo não se encerra com a saturação do mundo, mas se ressignifica e anuncia o recomeço. Recomeço em que o ser humano não é mais o indivíduo, mas é a pessoa plural: “Cada um, pessoa plural em sua tribo de escolha, vai ser o que é a partir das

1 Citação do filósofo e matemático francês René Descartes, que pretendia fundamentar o conhecimento humano em bases sólidas e seguras.

2 Esse assunto será tratado mais especificamente no item 5. *Tribos das manifestações*. Mais informações referentes às manifestações ocorridas no Brasil e suas relações com as redes sociais encontram-se em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013>.

3 Mais informações encontram-se em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,igreja-catolica-tem-queda-recorde-e-perde-465-fieis-por-dia-em-uma-decada-,893778,0.htm>>.

ligações que o constituem. Ligações de afetos, odores, gostos, sentimentos, sensações, tudo fazendo que crescamos” (MAFFESOLI, 2012, p. 12).

2. Pós-modernidade

Na pós-modernidade, a fragmentação da pessoa não pode ser interpretada como a pessoa desprovida de força, desagregada e desintegrada. Nesse contexto, a fragmentação da pessoa consiste nas suas várias máscaras, vários papéis, os vários “eus” em uma só pessoa; uma pessoa plural (MAFFESOLI, 2012). É essa característica de fragmentação que está vinculada, intrinsecamente, ao conceito de tribalismo e às tribos urbanas⁴.

A pessoa é plural ao assumir várias funções e teatralidades ao longo da vida. Não é possível mais enquadrar alguém em um papel ou em uma função somente; a pessoa é mãe, avó, filha, música e roqueira, trabalhadora, estudante etc., entre inúmeras outras funções desempenhadas no contexto da pós-modernidade. A identidade sexual, a identidade profissional e a identidade ideológica não se mostram mais tangíveis, com contornos bem definidos. “Esse belo edifício foi posto abaixo pela publicidade, a moda, as encenações em que são as sinceridades sucessivas que parecem predominar” (MAFFESOLI, 2012, p. 46).

Percebe-se, assim, a porosidade das fronteiras entre as diferentes identidades e a busca por uma identificação entre as pessoas pertencentes a diversos grupos e com objetivos variados. O desejo de conviver com o outro fortalece o sentimento de estar-junto e de pertencer às tribos. Para Maffesoli (2012, p. 47) “o fenômeno das *tribos* está aí, irrecusável. E, ao mes-

mo tempo, não queremos vê-lo. Ou ainda, na melhor das hipóteses, admitimos sua existência, mas como momento transitório: *a juventude precisa existir*”. Assim, o ‘estar-junto’ “se torna o pivô da agregação neotribal” (MAFFESOLI apud CASALEGNO, 2006, p. 150-1), que pode ser expresso no compartilhamento de um hábito, nos modos de viver e de conviver ou em um comportamento qualquer que impulsiona o estar-junto e que se apresenta na pós-modernidade como “um dado fundamental” (MAFFESOLI, 1998, p. 115). Os laços, dessa forma, são fortalecidos em contraposição à uniformização externa.

Cada grupo do qual a pessoa plural faz parte possui características singulares de tratamento e convívio com seus membros. Porém, não é a formação do grupo que o torna parte da tribo, assim como o grupo por si só não representa uma tribo. É necessário mais do que isso; a partilha de valores e sentimentos deve estar presente nesse grupo: “[...] é a emoção que cimenta o conjunto. Este pode ser composto por uma pluralidade de elementos, mas tem sempre uma ambiência específica que os torna solidários uns com os outros” (MAFFESOLI, 2000, p. 21). O convívio não é necessariamente diário, ele pode ser esporádico, eventual; o que importa, entretanto, é o convívio em si e as relações estabelecidas por meio dele. O sentimento de pertencimento de cada integrante do grupo, as suas experiências que conduzem para “[...] uma nova maneira de ser, em que a paixão e o desejo são os elementos essenciais” (MAFFESOLI, 2012, p. 44) estabelecem as diferentes relações desse convívio.

A pós-modernidade mostra-se como o palco para a formação de tribos. Essas, por sua vez, afetam e modificam tanto a vida individual quanto a vida coletiva (MAFFESOLI, 2005). Assim, o indivíduo se forma a partir das relações que estabelece com o grupo

4 O termo tribos urbanas foi teorizado por Maffesoli, que começou a utilizá-lo em seus artigos a partir do ano de 1985.

ao qual pertence e se identifica no momento⁵. Em virtude disso, a pessoa acaba por possuir uma multiplicidade de valores, pois não faz parte somente de uma tribo; ela pertence a várias, tendo em vista suas identificações múltiplas e a estrutura das ações humanas, que ocorrem em redes variadas, diversas e, muitas vezes, opostas.

3. Tribos na pós-modernidade

Maffesoli (2012) apresenta três características do fenômeno tribal: a supremacia sobre o território onde se situa; o compartilhamento do gosto; a volta da figura da criança eterna, destacando que o sentimento de pertencimento é a causa e o efeito do fenômeno tribal, portanto, sem esse sentimento, não há tribos.

A primeira característica - a supremacia sobre o território onde se situa - faz-se presente no ser humano desde a existência, em que seu instinto de juntar-se aos semelhantes formou as primeiras tribos. Essa união em tribos era necessária para a preservação da espécie, já que as lutas contra outras tribos eram habituais e quanto maior a tribo, maior, também, a vantagem nas batalhas. Dessa maneira, a tribo era, de certa forma, garantia de sobrevivência.

Na pós-modernidade, esse sentimento de pertencer ao mesmo território também é percebido, mas de maneira distinta: “O bairro, o conjunto habitacional, as quatro ruas são como tantos outros territórios que partilhamos com a tribo, que nos dispomos a defender, às vezes mesmo violentamente, mas que são uma verdadeira matriz onde o viver junto encontra sua expressão natural” (MAFFESOLI, 2012, p. 49).

5 Utiliza-se, aqui, a expressão “no momento” em virtude de o indivíduo poder, a qualquer momento, perder a identificação com sua tribo e, assim, deixar de sentir-se integrante dela. Dessa maneira, o pertencer a uma tribo não significa permanência vital na mesma; essa permanência é volátil, e depende do possuir ou não valores partilhados.

O ponto de ligação segue sendo, então, o território onde a pessoa estabelece sua residência, manifesta seus costumes. Isso é o localismo tribal. Contudo, aquele que compartilha o território compartilha também o gosto - a segunda característica. Isso porque as tribos pós-modernas são um meio de compartilhar seus gostos em um “mundo em que o compartilhamento de um gosto serve de legitimação, de racionalização perfeita ao prazer, ao desejo ou simplesmente à necessidade de estar junto, de viver junto” (MAFFESOLI, 2012, p. 50).

É nos lugares urbanos que as tribos vivem seus gostos e suas paixões, as expressam, e desfrutam daquilo que sentem e pensam, expressando essas manifestações, através de suas ações, como crianças eternas - a terceira característica das tribos. São adolescentes perpétuos, pois “todo mundo vai falar como jovem, vestir-se como jovem, permanecer jovem”, em contraponto ao adulto sério, racional, funcional e produtor da modernidade (MAFFESOLI, 2012, p. 51).

3.1 O convívio das tribos

Ao falar de tribos e pós-modernidade, não se pode restringir o convívio das tribos e dos seus integrantes ao convívio físico, face a face e nos mesmos espaços geograficamente localizados. É relevante estender a percepção sobre o convívio das tribos para o contexto dos espaços virtuais, onde os integrantes nem sempre se encontram fisicamente, não convivem na mesma localização geográfica e não vivenciam experiências e situações síncronas. Então, estamos falando de um convívio em que o real⁶ é ampliado.

A formação dessas tribos – as tribos virtuais - ocorre muitas vezes informalmente, a partir da navegação na *Internet*, onde

6 Conforme Lévy (1999), o virtual também é real. Por isso, a palavra real não é utilizada no sentido de oposição ao virtual, mas está em oposição ao irreal ou ao que não existir.

um internauta descobre outro usuário com o qual estabelece alguma comunicação e depara-se com afinidades e possibilidades de compartilhamento e interação. Corrêa (2005, p.6) considera que, apesar de ser “um encontro ocasional, valoriza-se o fato de estar junto, assim como prevalece um compromisso e um sentimento de respeito entre os membros enquanto perdurar o contato”. Valoriza-se, portanto, o estar junto, o fazer parte de uma mesma paixão, o compartilhar sentimentos e pensamentos, que despertam o sentimento de pertencimento.

Aquele que se insere em uma ou mais tribos virtuais busca, assim como nas tribos não virtuais, traços de identificação, e não uma única identidade. Por isso, as pessoas participam de várias tribos, possuindo identidades plurais, necessitando, apenas, adequar-se às situações variadas no que diz respeito à interação, ao diálogo, ao comportamento e até mesmo à vestimenta através de um “traje de cena apropriado ao espaço onde ela se apresenta” (MAFFESOLI, 1996, p. 180).

A questão crucial das tribos está, portanto, na comunicação e no sentimento de pertencimento, independente da localização geográfica e do tipo de contato estabelecido - síncrono ou assíncrono. Percebe-se tribos formadas virtualmente, através de redes sociais, por exemplo, nas quais os integrantes são de distintas regiões, de países longínquos e até mesmo nacionalidades diferentes, mas pertencentes à mesma tribo, com os mesmos ideais e interesses, trocando ideias, informações, relacionando-se, compartilhando valores e convivendo, apesar da distância.

Dessa forma, a pessoa é plural e sua existência é “[...] por e graças a outras” (MAFFESOLI, 2012, p. 52), já que as semelhanças e diferenças são percebidas em relação às outras pessoas. Assim, para constituir uma tribo não há o isolamento. Está-se diante, portanto, da pessoa mosaico, com diversida-

de de elementos. Segundo Maffesoli (2012, p.54), “o mosaico societal seria, desde então, o ajuste dessas pequenas comunidades forjadas, pelas solidariedades do cotidiano, os usos e costumes da tribo, e os rituais específicos que tudo isso não deixa de estimular”. O estar junto é, portanto, feito de reciprocidade, de interações, de partilha de paixões, de ideais, e em coparticipação, tendo o afeto o elemento-chave nessa construção.

4. Redes sociais: as ruas e as tecnologias digitais

Para Casalegno (2006, p. 150), a pessoa na pós-modernidade desempenha papéis “tanto no interior de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos das quais ela participa”. A vida social se caracteriza pela vontade de estar-junto, construir e ser construído – reciprocamente –, influenciar e ser influenciado, com vontade de viver e conviver, e esse movimento dinâmico permite a transformação de práticas, interesses e pensamentos. Assim, a pessoa pode ser um ativista social, um profissional, um manifestante de protestos populares, um membro de clube social etc. Esse é o espírito da contemporaneidade, o espírito da socialidade (CASALEGNO, 2006), dos múltiplos papéis dos sujeitos sociais (LEMOS, 2007).

A porosidade das fronteiras, identitárias e/ou espaciais, emerge para a participação das pessoas em diferentes tribos, mudando seu figurino, suas representações e seus comportamentos. A preocupação está no presente vivido na coletividade tribal. Há interesse nas relações e interações estabelecidas, e não nas pessoas em si, isoladamente. Relações que se tornam tão intensas e valorizadas que a preocupação se expressa com o que está ocorrendo agora, o presente se torna prioridade. Para Lemos (2007, p.67), a preocupação “é com o aqui e agora, com um presente vivido coletivamente”.

Portanto, não são as pessoas o elemento chave para discussão, mas as relações e interações estabelecidas entre elas (CASALEGNO, 2006). Relações que se estabelecem nas tribos, ligadas por interesses comuns e que, por sua intensidade e valorização, se fundem entre o geograficamente localizado e o digital virtual. Assim, nascem tribos virtuais construídas também em espaços digitais virtuais, redes sociais, formadas por membros que congregam comportamentos, pensamentos, informações, objetivos e desejos. Nessas redes, o compartilhamento de ideias e informação se torna interesse comum. As tribos possibilitam que seus membros estejam juntos, vivendo e convivendo virtualmente, expressando seus sentimentos, emoções e frustrações; elas agregam e congregam novos membros e se expandem.

4.1 A interação nas tribos

Nas primeiras civilizações, os homens formavam grupos para saírem em busca de alimento conjuntamente, para garantirem a segurança de todos frente aos ataques de animais e de outros povos ou tribos. O objetivo dessas comunidades era, portanto, a preservação da espécie, a garantia da própria vida e a subsistência. Com o passar do tempo e as transformações espaciais, as necessidades se modificaram, mas a necessidade humana de convivência permaneceu. É da natureza humana o desejo de sentir-se parte de um grupo, de encontrar semelhantes, de estar junto, unir-se em um propósito maior (ANUNDESIN *apud* PALLOFF; PRATT, 2002).

A forma como as tribos se organizam na pós-modernidade difere dos primórdios da história da humanidade. Enquanto que no passado a presença dos membros num mesmo espaço geográfico era pressuposto para a formação da tribo, na atualidade, o pressuposto territorial não é mais determinante. Os integrantes, em virtude das mudanças arquitetônicas e urbanas, com divisão de bairros

e cidades, e o advento das TDVs, não necessariamente se agrupam por delimitações geográficas. Entretanto, para Palloff & Pratt (2002, p. 50), são consideradas as questões identitárias, com valores e interesses comuns, pois “hoje, as comunidades formam-se ao redor de questões de identidade e de valores comuns, não dependendo de um lugar”.

O surgimento do computador e, posteriormente, da *Internet*, fomentou a comunicação entre pessoas de diferentes regiões e, assim, a busca por relacionamentos entre pessoas, independente da localização geográfica. Assim TDVs potencializaram o surgimento de novas tribos, conectadas pelo desejo de estarem-juntos, permitindo que haja diálogo, interação e encontros virtuais em tempos e espaços digitais virtuais diferentes. Essa dinamicidade na construção e sobrevivência das tribos em espaços digitais virtuais também é manifestada nos espaços geograficamente localizados. Essas ações externalizadas pelas tribos nos espaços geograficamente localizados são muitas vezes oriundas de sentimentos e desejos construídos nos debates e interações dos espaços digitais virtuais. Esse fator parece ser impulsionado pela valorização e intensidade do estar junto na pós-modernidade e que encontra razão na diversidade de papéis que uma pessoa pode viver e representar nas diferentes tribos que compõe seus laços sociais.

Por isso, de maneira dinâmica e efervescente, não é possível identificar quais dos espaços incide sobre o outro: se o geograficamente localizado influencia o digital virtual ou se o digital virtual incide sobre o geograficamente. Pode-se entender que ambos estão em relação contínua, articulando-se, misturando-se e transformando-se, numa perspectiva de coexistência, na qual diversificam as fronteiras ao mesmo tempo em que as tornam porosas. Assim, pode-se falar dos espaços híbridos, conforme Backes (2013),

em que há o cruzamento, a articulação, a integração entre diferentes naturezas que formam um novo conjunto.

Como exemplo desse fenômeno, cita-se os levantes populares e as manifestações de rua que aconteceram nos meses de maio a julho de 2013, em diversas cidades do Brasil. Pessoas de diferentes tribos reuniram-se fisicamente em determinados espaços geográficos das cidades brasileiras, mas sem uma definição clara e detalhada de suas reivindicações. A partilha de valores, de hábitos, de comportamentos, o desejo de estar-junto, o compartilhamento de ideias, opiniões e percepções - característica que se expressam entre os membros na formação das tribos - expandiram-se de diversas tribos para uma grande tribo que se uniu através de interações e diálogos construídos também em espaços digitais virtuais.

5. As tribos das manifestações

A pós-modernidade retoma na pessoa comportamentos coletivos, como o desejo de estar-junto, a atuação comunitária e solidária, a legitimidade do outro, em oposição ao individualismo. Todas essas características, com o desenvolvimento das TDVs, potencializaram a possibilidade de reunir as pessoas pela *Internet*, formando comunidades virtuais. Assim, nas manifestações sociais ocorridas no Brasil, em 2013, apresentou-se um movimento dinâmico entre os espaços digitais virtuais (mundo virtual) e os espaços geograficamente localizados (mundo físico), constituindo os espaços híbridos. Os encontros ocorreram nas redes sociais após um evento desencadeador - o aumento do valor do transporte público. Algum tempo depois, jovens foram às ruas, reuniram-se, agruparam-se, tribalizaram-se e estiveram juntos nos protestos nas principais capitais brasileiras. A *hashtag* #vempraru tirou de casa milhares de pessoas que vinham expressando virtualmente seus

sentimentos, suas insatisfações e suas opiniões.

As manifestações foram movimentos emocionais, característicos da pós-modernidade. Frases de efeito⁷ e reivindicações difusas, que se expressavam desde a redução do preço da passagem de ônibus até a derrubada da PEC 37⁸, passando pela crítica em relação aos gastos para a realização da Copa do Mundo de 2014, eram vistas nas ruas das principais capitais brasileiras. Os manifestantes deixaram evidente a insatisfação contra os rumos da política brasileira em geral, marcada por frequentes casos de corrupção e má gestão dos recursos públicos. Ao contrário de outros movimentos sociais da história do Brasil, como as Diretas Já (1983-1984), em que os comícios reuniram milhares de pessoas defendendo de forma conjunta eleições diretas para presidente do país, e o Fora Collor (1992), quando os jovens “caras-pintadas” defenderam a saída do presidente Fernando Collor. As manifestações de 2013 carregavam diversas bandeiras, com interesses difusos, fragmentados, que revelavam a frustração e o descontentamento da população com a política e os governos de todas as esferas - municipal, estadual e federal.

Para Maffesoli (2011a), a política está saturada, se está vivendo um momento de busca por novas formas de intervir politicamente. Essa nova ordem política da pós-modernidade, mais emocional e solidária e menos verticalizada, aproxima-se da ordem anarquista, sem estado, de auto-organização social. Os jovens não acreditam mais na po-

7 “O povo unido protesta sem partido”; “O povo acordou, o povo decidiu. Ou para a roubalheira, ou paramos o Brasil”; “Queremos hospital e escola no padrão FIFA”; “Tem tanta coisa errada que não cabe em um cartaz”, são alguns exemplos de frases escritas em cartazes pelos manifestantes.

8 Esse projeto de emenda constitucional propunha a redução do poder de investigação do Ministério Público.

lítica tradicional. Cartazes como “Eu também sei governar” e “Sai Dilma! O povo é o dono do Brasil” (ostentados por manifestantes nos protestos de 2013) demonstraram o desejo de um governo sem partidos. Um sistema de baixo para cima, em torno do povo, do convívio, das ruas (MAFFESOLI, 2011a).

Em meio às manifestações que se concretizaram nos espaços geograficamente localizados, frequentemente, eram registrados, nas mídias sociais, espaços digitais virtuais, fotos de pessoas participantes da manifestação comemorando num bar, comentários de pessoas que jamais pegaram um ônibus e/ou comentários de pessoas que jamais participaram de uma manifestação, “O gigante acordou”. Para Maffesoli (2011b), nessas discussões, nem sempre são ditas coisas importantes ou sérias, mas sempre são estabelecidas as trocas ou os compartilhamentos. Então, são estabelecidos os laços, as realiações, a confiança, o reencontro do mundo.

Portanto, além da saturação da política, outro aspecto das manifestações que invoca a pós-modernidade é o fato de terem sido provocadas por algo cotidiano (os R\$ 0,20 de aumento do preço da passagem de ônibus) para questionar todo o sistema (MAFFESOLI, 2013). Esse olhar para o cotidiano, para coisas que parecem pequenas, mas que afetam a vida das pessoas, é uma das marcas da pós-modernidade. Marcas que transformam a lógica do comportamento esperado. Ações imprevistas, não previstas, de forma que até mesmo os líderes e políticos da nação ficaram atônitos, sem ter certeza de como agir ou reagir.

Para Maffesoli (2013, p. 51), o fenômeno das manifestações sociais

não é uma revolução no sentido moderno do termo, como ruptura. Mas no sentido etimológico vemos voltar essa ideia de fraternidade, de estar juntos,

das tribos. Por isso o Brasil é um país importante, porque vejo que resta essa velha ideia, que vem das culturas ancestrais, de comunidade, de solidariedade de base. Vejo uma espécie de ilustração da minha teoria de tribos urbanas. E, quando há um tal ajuntamento, os políticos ficam perdidos, desamparados, porque ultrapassa suas categorias, que permanecem programáticas. Vemos uma sublevação, um tsunami das tribos urbanas.

Como em uma tribo, as mobilizações vivenciadas pelos cidadãos brasileiros são encontros, são experiências vividas com os outros. Mesmo aqueles que não participaram presencialmente, representaram sua solidariedade acenando das janelas dos prédios, compartilhando as postagens nas redes sociais ou opinando nos espaços digitais virtuais. Para Maffesoli (2011a), esse sentimento comunitário é potencializado pelas TDVs. As redes sociais promovem a sinergia entre o arcaico (tribos) e o desenvolvimento tecnológico (*Internet*): “as tribos urbanas se tornam comunidades interativas” (MAFFESOLI, 2013, p. 50). E essa comunicação instantânea e viral está, para Maffesoli (2011a), mudando o convívio das pessoas com a política e todos os outros segmentos. As pessoas anseiam por relações e interações menos abstratas, mais próximas dos seus problemas reais, do seu cotidiano.

6. Considerações finais

A proposta deste trabalho foi discutir as manifestações sociais ocorridas no Brasil, em 2013, à luz das compreensões abordadas na pós-modernidade. Tribos formaram-se por meio de grupos crescentes de pessoas que se agrupavam nas redes sociais e nas ruas por meio do pretexto para estar-junto, para o “eu tornar-se nós”.

Ocorreu, nessas tribos, o abandono do individual em prol do coletivo. O que estava

em jogo não era benefício - ou ganho - individual, mas a possibilidade de vestir diferentes máscaras, compartilhar objetivos, legitimar o outro. Não importava se o manifestante utilizava carro ou transporte coletivo. Mas, importava o bem comunitário - que afeta a todos. As realiações, os laços virtuais, criados a partir de uma indignação coletiva ou um simples compartilhamento de imagens digitais do cotidiano, articularam-se com as manifestações ocorridas nas ruas, constituindo os espaços híbridos e um verdadeiro corpo social.

Com esse movimento de mobilização de milhares de pessoas, percebe-se que a *Internet* e seus instrumentos de uso, necessariamente, não alimentam o individualismo, como se pressupõe. Pelo contrário, podem potencializar o debate, a troca de ideias, a exposição das diferenças, a comunhão de interesses, o compartilhamento. Pela facilidade da comunicação a distância, proporcionada pelas TDVs e pelo fenômeno viral de rápida disseminação de informações, o desejo de estar-junto é o cimento para que as tribos reúnam um grande número de pessoas e se fortalecem. Assim, redes sociais, constituídas em espaços geograficamente localizados e em espaços digitais virtuais, tornaram-se importantes motores de mobilização social, capazes de incomodar governos e sistemas políticos.

Na pós-modernidade vive-se um momento de saturação política, quando se reduz a crença na eficácia do Estado e dos gover-

nantes. As manifestações ocorridas no país caracterizaram-se por serem movimentos sem partidos e com muitas bandeiras. O sentimento comunitário, de tribo, esteve presente nos protestos como uma oposição à política cada vez mais distante dos problemas reais da população. Em contraposição ao cenário das últimas décadas, quando se viveu momentos de indiferença, degradação do engajamento dos anos 1960 e 1970, marcados por grandes mobilizações políticas.

Retomando a expressão “o gigante acordou”, utilizada pela mídia e pelos próprios manifestantes, também assinala-se o retorno da mobilização da juventude. Essa mobilização, contudo, foi motivada por problemas do cotidiano e não mais por grandes ideais políticos. O engajamento, que é racional, dá lugar à indignação, que é emocional. A preocupação desloca-se do futuro para o hoje, o agora. Essa preocupação com o cotidiano conduz às questões próximas do dia a dia, aos problemas que tocam a vida do povo: o trabalho, a casa, a família, os relacionamentos etc. Aspectos do cotidiano e que motivaram as manifestações no Brasil - tal como o preço das passagens de ônibus, por exemplo.

As marcas permanecerão independentemente das respostas que os governantes e os políticos deram às manifestações. Salienta-se que no contexto da pós-modernidade o que está próximo e o que faz parte do cotidiano é o presente, não apenas um “país de futuro”.

Referências

- BACKES, L. **Hibridismo Tecnológico Digital: configuração dos espaços digitais virtuais de convivência**. In: III Colóquio Luso-Brasileiro de Educação a Distância e Elearning, 2013, Lisboa. III Colóquio Luso-Brasileiro de Educação a Distância e Elearning. Lisboa: Editor Universidade Aberta, 2013. v. 1. p. 1-18.
- CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. 1. ed Porto Alegre: Sulina, 2006.
- CORRÊA, Cýnthia. **Uma Abordagem Teórica sobre a Formação de Tribos Virtuais: do banal ao intelectual**. In: Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura - V ENLEPICC, 2005, Salvador. Anais do V Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura. Salvador, 2005. p. 1-12.
- LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- _____. **No fundo das aparências**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- _____. Perspectivas tribais ou mudança do paradigma social. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, vol 1. n° 23, abril de 2004. Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/view/364/295>>. Acesso em novembro de 2014.
- _____. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- _____. **Admirável mundo novo**. O Povo, Fortaleza, 19 set. 2011a. Entrevista concedida a Felipe Araújo e Émerson Maranhão. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2011/09/19/noticiasjornalpaginasazuis,2300700/admiravel-mundo-novo.shtml>> Acesso em dezembro de 2014.
- _____. 2011b, L'initiation au présent, **Les cahiers européens de l'imaginaire: technomagie**, vol. 1, no 3, pp. 14-27.
- _____. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- _____. **Sociólogo Michel Maffesoli fala da retomada de manifestações juvenis**. Zero Hora, Porto Alegre, 12 abr. 2013. Entrevista a Gabriel Burst. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/segundo-caderno/noticia/2013/04/sociologo-michel-maffesoli-fala-da-retomada-de-manifestacoes-juvenis-4105060.html>>. Acesso em novembro de 2014.
- _____. Vejo esses movimentos como Maiores de 68 pós-modernos. Entrevista Instituto Humanitas Unisinos - IHU. São Leopoldo, 24 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/521283-vejo-esses-movimentos-como-maiores-de-68-pos-modernos-diz-michel-maffesoli>>. Acesso em dezembro de 2014.
- PALLOFF, R. M.; PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para a sala de aula on-line**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Sobre os autores

Francisco Coelho: Mestre em Educação pelo Centro Universitário La Salle. Professor adjunto no Centro Superior de Tecnologia, FTEC - Porto Alegre/RS.

E-mail: *professorfrn@gmail.com*

Carine de Oliveira Frank: Mestre em Educação pelo Centro Universitário La Salle. Professora da rede municipal de ensino de Porto Alegre/RS.

E-mail: *carinefrank83@hotmail.com*

Luciana Backes: Pós-doutora pela L'Université Paris Descartes – Sorbonne, Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Doutora em Sciences de l'Education pela L'Université Lumière Lyon 2. Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação pelo Centro Universitário La Salle – Canoas.

E-mail: *luciana.backes@unilasalle.edu.br*

Recebido em 06.01.2015

Aceito em 26.01.2015